

153

**INTUIÇÃO PURA E EXPERIÊNCIA EM KANT.** *Eduardo Rutke Von Salties, Silvia Altmann (orient.)* (UFRGS).

Na *Crítica da Razão Pura*, Kant identifica a sensibilidade com a capacidade de recebermos representações “graças à maneira pela qual somos afetados pelos objetos”; ela “dá” objetos via intuições (representações singulares, ligadas imediatamente a esses objetos). A *Estética Transcendental* estudará as condições pelas quais nos são dados os objetos de nosso conhecimento ao analisar as condições de nossas intuições. No decorrer da *Estética Transcendental*, todavia, Kant traça uma distinção entre intuições empíricas e puras. O sentido do que seja uma intuição empírica, bem como sua possibilidade, parece ser algo bastante razoável: as intuições empíricas são representações que se relacionam aos objetos por meio do efeito destes sobre nossa capacidade representativa, isto é, via sensação. Já as intuições puras, bem como o conteúdo destas representações, contudo, são expressão de uma tese mais controversa: por definição, nada nelas diz respeito à sensação. O que conhecemos, portanto, via intuições puras? Objetos que não os dados na experiência via sensibilidade? Parece que estaríamos diante da seguinte alternativa: ou um objeto nos é dado via sensação (e conheceríamos, então, um objeto sensível, via intuição empírica); ou, no caso de uma intuição pura, haveria um objeto de outra natureza que não sensível, o que acarretaria que nem todo nosso conhecimento seria de objetos da experiência – tese que não é compatível com Kant. Esta alternativa, contudo, talvez seja mal apresentada. O próprio texto kantiano nos mostra que a possibilidade das intuições puras está fundada no fato de serem elas as formas da intuição empírica. Isto, por sua vez, teria por consequência a tese de que nosso conhecimento é, propriamente, de objetos da intuição *empírica*, sendo a priori apenas a *relação* de certas representações (com o que quer que eventualmente seja dado na intuição empírica). (BIC).